



40ª SEMAD

Semana do Administrador da UEM



ATUAÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO: ESTUDO DAS DIFICULDADES ENFRENTADAS EM NAVIRAÍ-MS

Beatriz Resende Padilla
Jaiane Aparecida Pereira
Marco Antonio Costa da Silva
Joiceli dos Santos Fabrício

RESUMO

O objetivo geral da pesquisa foi compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres que atuam no agronegócio no município de Naviraí-MS. De forma específica, buscou-se refletir sobre essas dificuldades, e discutir formas de atuação. Para tanto, a revisão da literatura foi estruturada buscando compreender a atuação da mulher nas organizações e no meio rural. A pesquisa foi caracterizada como de natureza qualitativa do tipo descritiva. Foram entrevistadas oito mulheres que atuam no meio rural. Como principais resultados, observou-se que, de forma geral, como a economia do município é centrada no agronegócio, parece haver poucas dificuldades ou barreiras para a entrada das mulheres no meio rural. Apesar disso, quando se trata da atuação no meio, foram encontradas muitas dificuldades, dentre elas: preconceito por ser mulher; ser taxada como o sexo frágil; não ser valorizada e respeitada; não poder exercer as mesmas funções que homens; ter a obrigação de fazer muito melhor para ser reconhecida no mesmo patamar que os homens; falta de estrutura para receber mulheres nas fazendas; e assédio. Embora haja dificuldades, destaca-se que muitas vezes as próprias mulheres não as percebem, como o fato de ter dupla jornada, o nível de estresse que as atividades causam nelas e o preconceito que enfrentam por ser mulher. A pesquisa evidenciou que diversas barreiras precisam ser superadas e, por isso, sugere-se a criação de um grupo para que as mulheres possam, em conjunto, buscar o fortalecimento da participação feminina no meio rural.

Palavras-chave: Agronegócio. Mulher no meio rural. Dificuldade da mulher.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente as mulheres foram submetidas às tarefas domésticas, incluindo o cuidado dos filhos e do marido, atividades para a manutenção da estrutura familiar (PEREIRA et al., 2008). Entretanto, desde a década de 1970 tem aumentado no Brasil a participação feminina no mercado de trabalho, o que se intensificou a partir da reorientação da dinâmica do mercado de trabalho brasileiro ocorrida nos anos de 1990 (COMIN; GUIMARÃES, 2002).

De acordo com Comin e Guimarães (2002), até os anos de 1970, o perfil da mulher que trabalhava era majoritariamente jovem, solteira e sem filhos, o que foi mudando com o tempo, sendo que na década de 1990 já se caracterizava como uma mulher mais velha, casada e mãe. Os autores explicam que os tipos de atividades desenvolvidas por mulheres também mudaram, permitindo a realização de atividades consideradas como reduto dos homens, embora isso venha ocorrendo de modo gradativo, pois ainda persistia até os anos de 1990 a alocação em atividades consideradas “femininas” para a grande maioria.

A partir do ano 2000 a atuação da mulher no mercado de trabalho vem se intensificando devido a diversas mudanças: transformações demográficas, como maior expectativa de vida e, conseqüentemente, maior presença feminina na população idosa; mudanças nos padrões culturais e valores sobre o papel social da mulher, voltado ao trabalho remunerado; e a expansão da escolaridade e ingresso em universidades (BRUSCHINI 2007). Essas mudanças também oportunizaram a liderança feminina nas empresas (CUNHA; SPANHOL, 2014). Apesar dos avanços, as conquistas das mulheres sempre exigiram muita dedicação e trabalho árduo, sendo caracterizada por avanços e retrocessos (LIMA, 2020).

Quando se trata do agronegócio, esse setor é tradicionalmente reconhecido pela participação feminina relativamente baixa, cenário que tem sido alterado nos últimos anos (CEPEA, 2018). De acordo com estudo do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), entre 2004 e 2015, a participação de mulheres trabalhando no setor aumentou 8,3%, enquanto que a participação dos homens diminuiu em 11,6%; Apesar disso, ao considerar os segmentos, em 2015, apenas 19,66% das mulheres atuavam na agropecuária (dentro da porteira), sendo que a maioria atuava no agro serviço (45,32%) e na agroindústria (35,02%); Na agroindústria, 34,11% estão na indústria de processamento e apenas 0,91% na indústria e insumos (CEPEA, 2018).

Diante desse cenário, estudar a atuação da mulher no agronegócio se mostra necessário, principalmente quando se trata de regiões eminentemente agrícolas, como é o estado do Mato Grosso do Sul (MS). Segundo Casonato (2013), o agronegócio é predominante na economia do MS em função de planejamento político e investimentos por parte do governo, bem como das condições favoráveis devido à sua riqueza natural. Apesar disso, o autor aponta a necessidade de reforço do setor industrial e modernização do agronegócio.

O MS possui algumas particularidades importantes que favorecem o agronegócio, como estar entre duas bacias hidrográficas (Rio Paraguai e Rio Paraná) e o fato de fazer divisa com cinco estados brasileiros (Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso) e com dois países (Paraguai e Bolívia) (CUNHA; FARIAS, 2019; SEMAGRO, 2020). Para Cunha e Farias (2019), a localização geográfica pode ser vista como um aspecto positivo e de potencial geoeconômico devido à centralização do estado diante desses importantes centros consumidores para o agronegócio.

O estado possui 79 municípios, que foram distribuídos pela Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar (SEMAGRO) em nove Regiões de Planejamento, visando identificar aspectos de complementariedade e lideranças urbanas que possam conduzir o processo de desenvolvimento regional (SEMAGRO, 2015). Esse é o caso de Naviraí, que foi considerada

um polo urbano microrregional da Região do Cone-sul do estado (PEREIRA et al., 2017). Esta região tem formação econômica centrada na produção agropecuária (SEMAGRO, 2015).

Neste contexto, considerando a importância do agronegócio para o estado e para a região e diante da falta de pesquisas em municípios pequenos e do interior, discute-se a necessidade de pesquisas sobre a atuação da mulher no agronegócio, seja como líder ou outro cargo no meio rural. Além disso, ressalta-se as dificuldades históricas das mulheres no mercado de trabalho e, principalmente, no segmento do agronegócio, no qual as mulheres ainda enfrentam preconceito (ABAG, 2017).

Sendo assim, chega-se a seguinte pergunta: Quais as dificuldades enfrentadas por mulheres que atuam no agronegócio no município de Naviraí-MS? A partir da pergunta, o objetivo geral do presente trabalho foi compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres que atuam no agronegócio no município de Naviraí-MS. De forma específica, buscou-se refletir sobre essas dificuldades, e discutir formas de atuação.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Para estabelecer uma lente teórica adequada aos objetivos da pesquisa, a revisão da literatura foi estruturada a partir de uma breve discussão sobre a atuação da mulher nas organizações e, posteriormente, sobre sua participação no meio rural.

2.1 A MULHER NAS ORGANIZAÇÕES

Para entender o contexto atual de atuação das mulheres nas organizações, vale destacar os desafios e conquistas históricos que elas enfrentaram ao longo dos anos. Segundo Pedro e Guedes (2010), desde a Grécia, considerando a descrição da República realizada por Aristóteles, as mulheres eram vistas como inferiores aos homens, que deveriam se impor e fazer a mulher obedecer.

Ao longo do tempo, vários foram os desafios enfrentados pelas mulheres em todo o mundo, como o movimento sufragista, que contribuiu para que as mulheres ganhassem espaço na sociedade (KARAWCZYK, 2014). No caso do mercado de trabalho, um divisor foi a Segunda Guerra Mundial, pois as mulheres foram contratadas pelas empresas, enquanto os homens iam para a guerra (LIMA, 2020). Apesar disso, o autor frisa que após a guerra, houve uma demissão em massa de mulheres.

No Brasil, durante o período colonial, a grande maioria das mulheres tinha como papel na sociedade apenas ser mãe e esposa, o que começa a mudar a partir do final do século XIX com o surgimento das primeiras escolas normais, nas quais a mulher tinha o magistério como uma nova possibilidade (SANTOS; TANURE; CARVALHO NETO, 2015). Para os autores, entre os anos de 1950 até 1980, as mulheres começam a conquistar empregos com maior qualificação e deixam de atuar como força de trabalho secundária, sendo que, mais recentemente, conciliam uma dupla jornada de trabalho, os cuidados do lar e da carreira.

Ainda que se considere que os avanços tenham ocorrido de forma lenta, os avanços foram importantes. Conforme destacado por Bruschini (2007) muitos fatores contribuíram para transformação do cenário de ocupação de novos espaços de trabalho pelas mulheres. São decorrentes de transformações demográficas, aumento da expectativa de vida e, consequentemente, maior presença feminina na população idosa; mudanças nos padrões culturais e valores sobre o papel social da mulher, voltado ao trabalho remunerado; e por fim, maior participação nos ambientes escolares em todos os níveis, incluindo a universidade, aumentando a escolaridade (BRUSCHINI, 2007).

Ressalta-se, entretanto, que as mudanças somadas a circunstâncias mais atuais como a entrada da mulher no mercado de trabalho de forma mais acirrada, as crises econômicas mundiais e o desemprego, afetam continuamente a tradicional família nuclear e a sociedade (ROMERO, 2009). Essas questões trazem muitas dificuldades para o cotidiano, apesar disso, ocorreu no Brasil uma grande diversificação de papéis e ampliação do campo para atuação das mulheres, pois ela busca tanto a realização pessoal, quanto a profissional, incluindo o desejo de ter sua independência financeira e seu papel de mãe (SANTOS; TANURE; CARVALHO NETO, 2015).

Ao considerar os vários papéis da mulher, pode-se considerar que elas são holísticas, pois veem as metas familiares, profissionais, comunitárias e pessoais de forma integrada (HADARY, HENDERSON, 2013). Por esse motivo, as autoras revelam que no mundo dos negócios as mulheres apresentam características peculiares, pois nas situações, elas enxergam além do que os fatos atuais, o que auxilia a identificar oportunidades, riscos e brechas que os homens podem não enxergar.

Além da forma diferenciada de atuação, as meninas vêm superando cada vez mais os meninos no que tange a salas de aula e também vem sendo responsáveis pela maior parte dos diplomas de graduação e de mestrado, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil (SANDBERG; SCOVELL, 2013). Os autores ainda apontam que apesar das conquistas acadêmicas, quando se trata de cargos de alto nível, as mulheres ainda têm dificuldades de acessar, havendo um grande predomínio de homens.

Segundo Estés (1999), embora homens e mulheres tenham talentos, houve pouca descrição de hábitos e vidas psicológicas de mulheres talentosas, criativas e brilhantes. Por esse motivo, os autores revelam que é necessário maior interesse pelos pensamentos, sentimentos e esforços para fortalecer as mulheres.

Para além da atuação das mulheres nas empresas, vale ressaltar a importância do empreendedorismo por mulheres. Em pesquisa realizada pelo Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em 2018, constatou-se que existe uma diferença grande entre homens e mulheres no que se refere ao empreendedorismo brasileiro e esse fator tem sido recorrente ao longo dos anos, principalmente no empreendedorismo estabelecido, o que mostra que as mulheres têm negócios menos longevos do que os homens. A pesquisa ainda destaca que, apesar de as mulheres terem taxas de empreendedorismo menores que os homens, as empreendedoras representam, em números absolutos, cerca de 23,8 milhões de brasileiras (GEM, 2018).

Pode-se assinalar que o poder nas relações de gênero se sustenta em um processo cultural que naturaliza o masculino como superior. Scott (1988) explica que, à medida que o masculino e o feminino são dados como naturais e o masculino sempre como superior, a diferenciação é muitas vezes usada para construir outros significados e outras diferenças, sempre no sentido de legitimar, reforçar ou de conferir poder superior aos homens e suas representações. Ainda que se considere importante o avanço conquistado, constata-se que a mulher acaba por ocupar espaços de trabalho considerados menos importantes que os ocupados por homens, realidade que vem sendo transformada lentamente.

De modo geral, constata-se avanços na atuação da mulher no mercado de trabalho e nas oportunidades de negócios. No próximo tópico, apresenta-se os avanços e as limitações que as mulheres enfrentam no meio rural.

2.2 A MULHER NO MEIO RURAL

Como nos demais setores, sempre existiram muitas limitações que impediram o desenvolvimento da autonomia econômica das mulheres trabalhadoras rurais, que tem forte expressão entre agricultoras familiares (BRASIL, 2006). Segundo Kinzo e Morandini (1996),

durante muito tempo, os programas e projetos para a mulher rural apresentavam fragilidades, limitações e eram feitos de forma isolada, o que levou a invisibilidade do trabalho da mulher.

Contudo, os últimos 15 anos têm sido marcados por mudanças no agronegócio com a entrada significativa de mulheres no setor, que historicamente foi dominado pelos homens (RIBEIRO, 2020). De acordo com Xavier (2019), a partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2006 as mulheres representavam por volta de 12% dos produtores rurais, já em 2017 o número saltou para 18%. Quando se trata da gestão de propriedades, 650 mil são geridas apenas por mulheres e 1,06 milhão são administradas pelo casal, essas mulheres têm entre 24 e 45 anos de idade (XAVIER, 2019).

Ainda que se constata os avanços, Brito (2020) destaca as dificuldades para que as mulheres consigam empregos nas fazendas em cargos de maior prestígio como veterinárias e agrônomas. A autora destaca que existem poucas referências femininas no agronegócio, principalmente ao considerar a extensão territorial brasileira. Apesar disso, a autora revela que as mulheres estão conquistando espaços no meio rural, seja na agricultura familiar ou em papéis de gestão em fazendas.

Observa-se que as mulheres vêm atuando cada vez mais nesse segmento, por isso, a participação da mulher na produção e reprodução da forma de trabalho no agronegócio deve ser estudada em diversos aspectos como econômico, social e cultural (IPESO, 2017). Conforme destacado pelo Instituto de Pesquisa Ipeso:

Atuando diretamente no campo, seja na agricultura ou pecuária, as mulheres enfrentam uma rotina pesada, lado a lado com os homens, e se destacam no trabalho. Não fosse apenas isso, elas ainda são muito cobradas pelos papéis que a sociedade lhes atribui. O fato é que as mulheres rurais mais jovens são as mais atraídas para a cidade em busca de oportunidades. Além disso, os avanços tecnológicos e a busca de melhor infraestrutura fazem com que elas, proprietárias e trabalhadoras rurais, optem por morar nas cidades, mas continuem com a lida na atividade rural (IPESO, 2017, p. 7).

Considerando a complexidade do tema e necessidade de se avançar em termos de contribuição teórico-empírico, muitos estudos têm sido produzidos para compreender e superar as dificuldades enfrentadas por mulheres no meio rural. O quadro 1 apresenta uma síntese de parte desses estudos.

Quadro 1: Dificuldade enfrentadas pelas mulheres no meio rural

Autores	Campo Estudado	Principais Achados Identificados
PEREIRA et al. (2008)	Participação feminina na Sadia e na Perdigão	- Taxas de atividade dos homens são superiores às das mulheres, em especial em cargos de chefia.
CIROLINI; NORO (2008)	Mulheres na gestão da Cotrisel	- A inclusão das mulheres na gestão da Cotrisel faz parte de um pensamento estratégico da cooperativa; Apesar dos incentivos, a participação das mulheres na gestão cooperativa ainda é pouco expressiva em termos numéricos.
CAMPOS (2009)	Mulheres ligadas ao agronegócio em Cruz Alta-RS	- Há uma segregação ocupacional por gênero, pois tanto nos empregos fixos como temporários, as mulheres se concentram em funções sem poder de tomada de decisão; - A média salarial feminina fica abaixo da masculina, apesar elas em geral terem um maior nível de escolaridade.
CIELO; WENNINGKAMP; SCHMIDT (2014)	Mulheres ligadas a Coopavel	- Aliadas ao aspecto da “invisibilidade” tem-se ainda defasagens sociais, lacunas na educação e no treinamento; - Falta de acesso aos serviços financeiros e aos recursos produtivos.
MENEZES; SILVA (2016)	Gestoras de organizações do agronegócio em	- No trabalho doméstico, as mulheres continuam com a obrigação dos cuidados com a casa e com os filhos; - A maioria das entrevistadas tem demarcado em suas carreiras

	Minas Gerais	os momentos determinantes para assumirem os cargos que ocupam (“falecimento do marido”, “falecimento do pai”, “voltar para trabalhar com o pai”, “trabalhar com a família”, “encerramento de sociedade empresarial”); - Buscam se legitimar por meio da formação e especialização; - Acreditam possuir características ligadas às suas feminilidades que as auxiliam a gerir os negócios, como a sensibilidade e a flexibilidade.
SCHNEIDER et al. (2020)	Mulheres rurais do município de Vitorino-PR	- Êxodo das mulheres mais jovens para os centros urbanos; - Concepções existentes ainda são masculinizadas no que se refere à divisão e hierarquização do trabalho na propriedade.

Fonte: autores com base na pesquisa bibliográfica.

De modo geral, observa-se que ainda há dificuldades para atuação das mulheres no meio rural devido aos papéis sociais que a mulher exerce e diferenças salariais entre os sexos. As mulheres se esforçam e se preparam muito e mesmo assim tendem a ocupar cargos inferiores aos homens. Além da responsabilidade e imposição da dupla jornada, os estudos demonstram que a mulher ainda enfrenta muitas dificuldades sendo tratada de forma inferior em relação ao homem, bem como tem pouco incentivo para inclusão nas empresas rurais. Embora a participação das mulheres esteja crescendo, muito ainda precisa ser realizado para diminuição da desigualdade.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho é de natureza qualitativa do tipo descritiva (RICHARDSON, 2017). Como procedimentos técnicos, foi realizada a pesquisa bibliográfica (MARCONI; LAKATOS, 2017) e a pesquisa de campo (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Foram coletados dados primários por meio de entrevista semiestruturada com oito mulheres que atuam no meio rural. As entrevistadas foram aqui denominadas de E1, E2 até E8. As entrevistas foram realizadas de setembro a outubro de 2020 de forma remota devido à pandemia da Covid-19, por meio da plataforma Google Meet. Para a seleção das entrevistadas foram contatadas mulheres que participavam de uma cooperativa agroindustrial do município que aceitaram participar da pesquisa. Depois, as próprias entrevistadas indicaram outras mulheres, como na técnica bola de neve (VINUTO, 2014).

O roteiro de entrevista foi dividido em quatro partes: a primeira investigou sobre o perfil da entrevistada; a segunda sobre a atuação profissional; a terceira sobre conciliar família e trabalho; e, por fim, as dificuldades de atuação no meio rural.

Os dados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1988). As categorias de análise utilizadas foram definidas a priori, que são: atuação profissional, conciliar trabalho e família e dificuldades de atuação no meio rural.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi dividida em três partes. A primeira trata do perfil das entrevistadas e da atuação profissional. A segunda discorre sobre conciliar família e trabalho. A terceira dispõe sobre as dificuldades de atuação no meio rural.

4.1 PERFIL DAS ENTREVISTADAS E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Com relação ao perfil das entrevistadas, o resumo das informações foi disposto no quadro 2.

Quadro 2: Resumo das informações sobre o perfil das entrevistadas

Entrevistada	Escolaridade	Atuação profissional atual	Estado Civil	Número de filhos	Idade
E1	Graduação em Agronomia	Área comercial na área de grãos	Solteira	0	28
E2	Graduação em Administração; Curso técnico em Ciências Contábeis	Financeira de propriedade rural	Casada	2	45
E3	Curso técnico em Agropecuária	Administradora em fazenda	Solteira	0	23
E4	Graduação em Veterinária	Estagiária em fábrica de ração	Solteira	0	25
E5	Segundo grau completo	Área de Recursos Humanos e Finanças em fazenda	Casada	2	45
E6	Graduação em Veterinária	Responsável em confinamento de gado	Solteira	0	24
E7	Segundo grau completo	Gestora de propriedade rural	Casada	2	48
E8	Graduação em Agronomia	Supervisora técnica comercial de uma empresa de fertilizantes	Solteira	0	29

Fonte: autores com base nos dados da pesquisa.

Constata-se que a maioria das entrevistas possui ensino superior, duas possuem o segundo grau completo e uma possui curso técnico em Agropecuária. Referente ao estado civil das entrevistadas, a maioria são solteiras (cinco), sendo que E1 relatou que esta noiva. As outras três são casadas e possuem dois filhos cada. Sobre a idade das entrevistadas, as solteiras estão na faixa dos 20 anos, e as casadas na faixa dos 40 anos.

Em relação à atuação profissional, a entrevistada E1, já trabalhou com vendas de produtos agrícolas e atualmente trabalha no setor comercial de grãos. Ela revela que atuou em um cargo de liderança em uma unidade de recebimento de grãos no seu primeiro emprego. Fez vários cursos e treinamentos, tanto para desenvolvimento pessoal quanto profissional.

A entrevistada E2 já trabalhou em instituições financeiras, com análise de dados de lavoura e também já fez parte do conselho fiscal de uma cooperativa agrícola. Na atualidade, trabalha na fazenda no setor financeiro e ajudando na administração da fazenda juntamente com o esposo, é coordenadora de núcleos de uma instituição financeira. Fez vários cursos e treinamentos e atuou como líder de um grupo voltado para mulheres cooperadas que trabalham no agronegócio.

A entrevistada E3 não teve outras experiências profissionais e hoje trabalha na parte administrativa de uma fazenda. A entrevistada E4 também não teve outras experiências profissionais. Trabalha na fazenda dos pais, auxiliando em várias atividades como na plantação, na lida com os animais e na administração. Ela ainda faz estágio em uma fábrica de ração em outra fazenda e realizou vários cursos para aprimoramento da sua profissão.

A entrevistada E5 foi proprietária de uma loja de confecções. Atualmente, é responsável por toda a parte financeira da fazenda da família. E5 relata que sempre faz cursos e treinamentos voltados para o desenvolvimento pessoal.

A entrevistada E6 foi estagiária na parte administrativa em uma fazenda e agora trabalha como gerente na área de confinamento de gado em outra fazenda. Declara que não tem feito cursos e treinamentos.

A entrevistada E7 foi proprietária de uma loja de espaço de vida saudável. Hoje em dia, trabalha na fazenda da família ajudando o esposo a administrar a fazenda e auxiliando nas várias atividades da propriedade. Ela já fez muitos cursos e participou de muitos eventos e dias de campo.

A entrevistada E8 trabalhou como analista técnica comercial. No presente momento, trabalha como supervisora técnica comercial em uma empresa voltada para vendas de fertilizantes agrícolas. Ela conta que fez vários cursos e treinamentos.

De modo geral, observa-se que das oito entrevistadas, seis já atuaram ou atuam em cargos de liderança, o que mostra certa abertura para atuação das mulheres nesse meio. Esse fato difere dos achados de Cirolini e Noro (2008) e Campos (2009), que destacaram a atuação das mulheres em cargos sem poder de tomada de decisão.

Seis das entrevistadas já fizeram e costumam fazer vários cursos e treinamentos, o que demonstra que elas têm investido em capacitação. Isto pode estar relacionado à necessidade de se legitimar por meio da formação e da especialização para atuar nesse meio, como nos achados de Menezes e Silva (2016).

Com relação ao tempo de atuação no meio rural, a entrevistada E3 possui apenas um ano. As entrevistadas E4 e E6 têm quatro e cinco anos, respectivamente. As entrevistadas E1 e E8 têm seis anos de experiência. Por outro lado, as mulheres com maior idade, tem mais experiência no setor: E2 possui 26 anos, E5 mais de 30 anos e E7 35 anos. O tempo de experiência está relacionado à idade das mulheres. Isto mostra que as entrevistadas começaram a trabalhar cedo no meio rural o que pode estar relacionado a vocação agrícola do município e da região.

4.2 CONCILIAR FAMÍLIA E TRABALHO

Com relação a conciliar a vida profissional com a vida doméstica, foi indagado se na visão das entrevistadas, isso atrapalha o desenvolvimento profissional da mulher. As entrevistadas E1, E4 e E6 acreditam que atrapalha sim. As demais entrevistadas acreditam que não. Apesar disso, elas concordam que há dificuldade de conciliar o trabalho e os cuidados da casa, como cita E2: “não, a gente tem que se virar nos trinta, mas a gente consegue, tem que ter força de vontade, na verdade assim, eu gosto de cuidar da casa”.

Vale ressaltar que, apesar da maioria das entrevistadas terem dupla jornada de trabalho e enfrentarem problemas como excesso no trabalho e demasiadas obrigações, a maioria delas ainda não enxergam como uma dificuldade ou problema. Como apontado por Menezes e Silva (2016), as mulheres ficam sobrecarregadas por serem responsáveis pelas obrigações da casa, mesmo quando trabalham fora de casa. Tal visão é importante por reforçar certos comportamentos que historicamente foram construídos de que é papel da mulher ser responsável pela casa e pela criação dos filhos, ainda que trabalhe fora. Ressalta-se que a mudança no comportamento de homens e mulheres com relação à divisão das tarefas da casa e dos cuidados com os filhos ainda precisa avançar para uma compreensão mais colaborativa e participativa por parte dos homens.

Com relação à maternidade atrelada à vida profissional e considerando a reinserção no trabalho após maternidade, as entrevistadas E2, E5 e E7 que possuem filhos, revelam que a maternidade não atrapalhou na vida profissional e que elas não sentiram dificuldades na reinserção após maternidade, como exemplificado na fala de E7: “eu acredito que tem que ser cada coisa no seu tempo, eu cresci no agro, casei no agro, e só tive filhos quando estávamos

preparados pra isso, mas mesmo grávida sempre estava ajudando, fazendo pagamento, ajudando a catar algodão. Não é fácil, mas se organizar dá certo”. Observa-se que as entrevistadas não tiveram dificuldades, pois puderam ficar focadas mais na maternidade naquele momento e depois foram voltando aos poucos à rotina normal com a ajuda da família.

As entrevistadas que ainda não tem filhos, acreditam que a maternidade pode atrapalhar se não for planejada, porque as funções que as entrevistadas exercem exigem bastante tempo e dedicação, sobretudo em época de safra. Por isso, elas acreditam que é necessário escolher o momento certo para ter filhos.

Quando questionadas se preferem trabalhar fora ou cuidar da casa, apenas a entrevistada E7 citou que preferia apenas cuidar da casa, pois como já trabalhou em várias áreas, acredita que atualmente seria melhor, como cita: “hoje eu preferiria ficar em casa, eu já tinha uma experiência uma vez quando trabalhava com venda, e eu tinha que “bater cartão”, foram 12 anos”. As demais entrevistadas, revelam que não se veem apenas em casa e que sentem necessidade de trabalhar fora de casa.

Cabe ressaltar dois aspectos: 1) o planejamento da maternidade e o apoio da família e da empresa são fatores relevantes para que a mulher tenha tranquilidade não apenas para ter filhos, mas também para ter condições adequadas de trabalho e cuidados com os filhos, principalmente nos primeiros anos dos filhos, quando os cuidados dos pais são mais demandados; e 2) a tarefa de ter filhos e conciliar trabalho e família pode ser um pouco menos difícil para mulheres com maior nível de renda, proprietárias das fazendas ou com cargos de chefia, pois podem se beneficiar pelo fato de que as escolhas não são pressionadas pelas necessidades financeiras e dependência do emprego.

Ao serem questionadas sobre a vontade de empreender, todas as entrevistadas relataram que já pensaram sobre o assunto, as entrevistadas E2, E4 e E6 empreenderiam no próprio ramo e as entrevistadas E1, E3, E5, E7 e E8 empreenderiam em outra área. A entrevistada E1 relatou que: “hoje eu trabalho em uma cooperativa e estou muito bem lá e não penso em sair nesse momento, mas a gente não sabe o dia de amanhã, pode ser que amanhã o vento mude e pode ser que empreender seja uma possibilidade”. A entrevistada E6 relata que empreender seria uma oportunidade para ter independência: “eu tenho um sonho que é um empreendimento que é ter minha independência, e fazer algo que agrade as pessoas, que eu veja resultado do meu trabalho”.

Em se tratando da visão das entrevistadas sobre o modo como as mulheres são criadas e a influência no seu futuro profissional, seis das entrevistadas responderam que acreditam que existe influência dos pais sobre o que as crianças querem ser no futuro, independente do sexo, como no caso de E8, que nasceu no meio rural, como explica:

Acho que influencia sim porque a tendência é os filhos seguirem o caminho dos pais, eu, por exemplo, nasci nesse meio, meu pai já era agricultor e toda a renda que a gente tinha dentro de casa vinha da agricultura. Então eu acho que influencia muito sim. Apesar de que no começo meu pai não queria que eu tivesse feito Agronomia, ele queria que eu tivesse feito outra faculdade, mas hoje em dia ele está bem feliz, talvez a educação não influencia tanto, mas o meio em que a criança cresceu influencia muito (E8).

Percebe-se que, embora a entrevistada relate apenas a influência do meio, o fato do seu pai não querer que ela estude Agronomia, que historicamente foi um curso no qual a maioria eram homens, mostra que existe sim influência sobre a atuação das mulheres.

A entrevistada E6 destaca que existe influência dependendo da região, pois percebe que há diferença entre o que vivenciava no Estado de São Paulo e a atuação em Naviraí, como explica:

Eu senti uma grande diferença entre o Estado de São Paulo, onde fui criada, e que a gente aprende que a mulher pode estar em todos os lugares e que não existe só homem ou mulher mandar. Eu sinto bastante dificuldade aqui de um homem aceitar uma mulher mandando, senti os homens mais rústicos que pensam que a mulher tem que cuidar da casa e não pode liderar (E6).

Quando questionadas sobre o estresse por conta do excesso de trabalho, a maioria das entrevistadas responderam que já sofreram com isso (E1; E2; E3; E5; E7 e E8). Dentre as entrevistadas, E2, E5 e E7, que são casadas e possuem filhos, há relatos de maior estresse, como citado por E5: “já passei por vezes bem cansativas, tem hora que a gente tem muita coisa pra fazer e pra pensar, que às vezes a gente tem que dar uma maneirada pra voltar ao normal”. Apesar disso, E2 reitera que mesmo havendo estresse, gosta de trabalhar fora: “porque tem que estar cuidando da casa e do serviço às vezes eu fico estressada, mais pra mim as duas funções são prazerosas”.

Apenas as entrevistadas E4 e E6 citam não ter estresse por conta do excesso de trabalho, o que pode estar atrelado a pouca idade de ambas (24 e 25 anos), pouco tempo de atuação no mercado e pelo fato de serem solteiras e sem filhos.

4.3 DIFICULDADES DE ATUAÇÃO NO MEIO RURAL

Com relação ao motivo pelo qual as entrevistadas começaram a trabalhar no meio rural, seis das entrevistadas (E2; E3; E4; E5; E7 e E8) optaram em trabalhar nesse meio devido à influência das famílias, que já atuavam no meio rural. Apenas as entrevistadas E1 e E6 relatam que optaram por escolha pessoal.

Sobre as dificuldades para começar a trabalhar no meio rural todas as entrevistadas afirmam que não houve dificuldades e que tiveram o apoio dos familiares e amigos, o que pode ser explicado pelo fato de que cinco das entrevistadas vem de famílias que já atuavam no meio. Além disso, como já destacado, o agronegócio é forte no município e na região.

Apesar de não ter dificuldades para começar a trabalhar no meio rural, quando se trata da atuação, a maioria ressalta que enfrenta dificuldades, como apresentado no quadro 3.

Quadro 3: Dificuldades de atuação no meio rural na visão das entrevistadas

Entrevistada	Dificuldades
E1	- Preconceito por ser mulher; - Não ser ouvida ou levada a sério; - Barreira da primeira impressão.
E4	- Ser taxada como o sexo frágil; - Não poder exercer as mesmas funções que homens.
E5	- Não ser valorizada e respeitada; - Ter a obrigação de fazer muito melhor para ser reconhecida igual aos homens.
E6	- Falta de estrutura para receber mulheres nas fazendas.
E7	- Falta de aceitação por parte dos homens da participação das mulheres em dias de campo.
E8	- Dificuldade de ir sozinha em fazendas distantes.

Fonte: autores com base nos dados da pesquisa.

Os dados evidenciam que as dificuldades relatadas por E1, E4, E5 e E7 estão relacionadas ao preconceito por serem mulheres, o que também foi descrito pela ABAG (2017). Elas percebem que são vistas como o sexo frágil e sua capacidade nem sempre é reconhecida, mesmo que o esforço seja maior do que o dos homens. Para Calás e Smircich (2006), as relações de gênero/sexo são consideradas como práticas discursivas por meio das quais se manifestam as relações de poder e resistência entre as pessoas.

Além disso, as entrevistadas E6 e E8 frisam a falta de estrutura para atuação das mulheres nas fazendas, o que, de certa forma, também é um tipo de preconceito velado, demonstra certo descaso e resistência a presença de mulheres. A entrevistada E7 reitera ainda que falta maior participação das mulheres em dias de campo, pois cita que sempre participa, mas não vê outras mulheres não participando.

Apenas as entrevistadas E2 e E3 citam não ter dificuldades de atuação. No caso de E2, embora não tenha dificuldades, segundo ela pelo seu perfil, reitera que já soube de dificuldades enfrentadas por outras mulheres, como conta:

Eu não sei se é porque todos os lugares eu vou e participo é bem aberto, eu não tive nenhum problema. Não sei por eu sempre estar ativa assim em todos os lugares, eu nunca tive nenhum problema, mas eu sei que tem com muitas mulheres que sofrem, conversando com amigas minhas a gente vê que tem (E2).

Quando indagado especificamente sobre o preconceito no trabalho por ser mulher, a maioria das entrevistadas sente que existem diferenças no tratamento de homens e mulheres, como expressa E1: “no meu primeiro emprego eu senti preconceito sim, principalmente de opinião, de expressar sua opinião e a pessoa fingir que você nem está falando”.

A falta de credibilidade para fazer o trabalho também foi citada por E4:

Na fazenda do meu pai ouvi várias vezes falarem: “ah mais é ela que vai fazer”. Na fazenda do meu pai tem bastante inseminação e às vezes chegavam os caras e falavam: “mas vai ser ela que vai fazer futuramente?”. Aí meu pai falava: “ela está fazendo veterinária, ela que vai fazer”. Aí os caras falavam de novo: “mas é ela que vai fazer? Vocês não vão contratar um veterinário?”, como se eu não fosse dar conta.

Além dos comentários, as entrevistadas também relatam casos em que apenas os olhares de julgamento ou de indiferença já mostravam o preconceito, como cita E7: “já aconteceu de a gente estar trabalhando na fazenda e dar alguma ordem pra algum funcionário e ele olhar tipo: o que essa mulher está fazendo aqui? Lugar de mulher é em casa”.

Para além do preconceito, também foi relatado a dificuldade de lidar com o assédio por parte dos homens, o que requer uma conduta diferente por parte da mulher, como explica E8:

Outra dificuldade/preconceito pra mulher no campo é que a gente tem que manter um relacionamento com nossos clientes e quando a gente é simpática eles confundem e acham que a mulher está querendo alguma coisa a mais, e já quando é o homem não, e eu já sofri bastante com isso, acho que a maior dificuldade no campo é o assédio mesmo (E8).

Pode se dizer, diante dos dados do campo que ainda que diversos avanços possam ser registrados, a conscientização do papel das mulheres nas diversas esferas da vida social se dá de modo lento e por vezes, com retrocesso. A exclusão das mulheres do campo político e dos mecanismos de poder permanece quase geral (LAUTIER, 2009).

Sendo assim, observa-se que, embora haja certa abertura para atuação da mulher no meio rural, ainda existem muitas dificuldades a serem vencidas.

5 CONCLUSÕES

Retomando o objetivo inicial de compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres que atuam no agronegócio no município de Naviraí-MS. Observou-se de forma geral que, como a economia do município é centrada no agronegócio, parece haver, na

percepção das entrevistadas, mais acesso e menos barreiras para a entrada das mulheres no meio rural.

Contrastando com a possibilidade de acesso, quando se trata da atuação das mulheres, foram encontradas muitas dificuldades, dentre elas: preconceito por ser mulher; ser taxada como o sexo frágil; não ser valorizada e respeitada; não poder exercer as mesmas funções que homens; ter a obrigação de fazer muito melhor para ser reconhecida igual aos homens; falta de estrutura para receber mulheres nas fazendas; e assédio.

Embora haja dificuldades, destaca-se que muitas vezes as próprias mulheres não as percebem, como o fato de ter dupla jornada, o nível de estresse que as atividades causam nelas e o preconceito que enfrentam por serem mulheres. Observou-se que as mulheres entrevistadas trabalham fora e dentro de casa. Tal percepção talvez reflita e possa ser explicada em parte por um comportamento estruturado na esfera do trabalho e, de forma mais acentuada em certos redutos de trabalho do homem, como é o caso do agronegócio no meio rural, de que esse não é um lugar para mulheres. Muito ainda precisa ser percorrido para romper com esse valor impregnado nesse setor de atividade.

Ademais, a maioria das entrevistadas possuem diversos cursos de aperfeiçoamento, mostrando a necessidade de buscar conhecimento para atuação, o que pode estar relacionado ao fato de ter que mostrar eficiência para competir com os homens. Além disso, destaca-se que duas das entrevistadas já foram proprietárias de um empreendimento e cinco delas já atuaram em cargos de liderança, o que evidencia que as mulheres podem estar ganhando espaço em cargos de gestão.

Sendo assim, conclui-se que ainda existem diversas barreiras a serem vencidas pelas mulheres que atuam no meio rural. Os marcadores sociais e culturais que oprimem a atuação feminina em outros campos parecem estar ainda mais presentes, quando se trata das atividades profissionais na área agrícola.

Por esse motivo, recomenda-se a criação de um grupo para que as mulheres possam se unir e discutir em conjunto soluções que possam ajudar a todas. Percebeu-se que elas atuam de forma individual e muitas vezes falta participação das mulheres em algumas atividades, como em dias de campo. Essa desconexão só faz aumentar as dificuldades, além de gerar sensação de deslocamento, parecendo que seus desafios são apenas seus. Portanto, salienta-se a necessidade de atuação em conjunto buscando fortalecer a participação das mulheres no meio rural.

Por fim, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas em outros contextos, como o meio industrial, notadamente mais masculino, para fins de comparação. Sugere-se ainda a realização de estudos quantitativos com um recorte amostral no estado de MS com objetivo de compreender melhor as dificuldades em diferentes contextos, mas também as estratégias utilizadas para superar os desafios.

REFERÊNCIAS

ABAG. Associação Brasileira do Agronegócio. **Todas as Mulheres do Agronegócio**. IPESO Instituto de Pesquisa. Outubro de 2017. Disponível em: < <https://abag.com.br/perfil-todas-as-mulheres-do-agronegocio-brasileiro-sumario-executivo-2017/>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1988.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. **Gênero, Agricultura Familiar e Reforma Agrária no Mercosul**. Brasília: MDA, NEAD Debate. 2006.

BRITO, C. X. **Mulher Alfa: liderança que inspira**. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2020.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. From the ‘Woman’s Point of View’ Ten Years Later: towards a Feminist Organization Studies. In: CLEGG, S. R. *et al.* **The Sage Handbook of Organization Studies**. London: Sage, 2006. cap. 1/8, p. 284-346.

CAMPOS, C. S. S. **Pobreza e exclusão feminina nos territórios do agronegócio**: o caso de Cruz Alta-RS. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CEPEA. **Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada**. Mulheres no Agronegócio. Piracicaba, v. 1, p 5-13, nov. 2018. Disponível em:
<https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/kceditor/files/Mulheres%20no%20agro_FINAL.pdf>
. Acesso em: 30 abr. 2020.

CASONATO, L. O papel do agronegócio no crescimento econômico sul-mato-grossense à luz do modelo de Solow. **Revista de Economia Agrícola**, São Paulo, v. 60, n. 1, p. 7-39, jan./jun. 2013.

CIELO, I. D.; WENNINGKAMP, K. R.; SCHMIDT, C. M. A participação feminina no agronegócio: o caso da Coopavel–Cooperativa Agroindustrial de Cascavel. **Revista Capital Científico-Eletrônica**, v. 12, n. 1, p. 59-77, 2014.

CIROLINI, V.; NORO, G. B. A participação da mulher na gestão das cooperativas: um estudo realizado na Cotrisel. **Disciplinarum Scientia**, v. 4, n. 1, p. 29-43, 2008.

COMIN, A. A.; GUIMARÃES, N. A. Vicissitudes do trabalho no Brasil nos anos 90: mobilidade setorial, diversidades de gênero e acesso ao seguro-desemprego. In: LAVINAS, L.; LEÓN, F. (Coord.). **Emprego feminino no Brasil**: mudanças institucionais e novas inserções no mercado de trabalho. CEPAL – Série Políticas sociais, vol. II, 2002. p. 11-32.

CUNHA, R.; FARIAS, F. R. Dinâmica produtiva e ordenamento territorial dos agronegócios do Mato Grosso do Sul pós-2003. **Geosul**, Florianópolis, v. 34, n. 71, p. 130-153, 2019.

CUNHA, A. C. C.; SPANHOL, C. I. D. Liderança feminina: características e importância à identidade da mulher. **Saber Humano**, a. 4, n. 5, p. 91-114, 2014.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GEM. Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil 2018**. IBQP, SEBRAE, UFPR, 2018.

HADARY, S.; HENDERSON, L. **Manual da CEO**: as estratégias essenciais das mulheres bem sucedidas. São Paulo: Saraiva, 2013.

IPESO. **Instituto de Pesquisa**: Todas as Mulheres do Agronegócio. Coordenação ABAG e IEAg. p10-20. out. 2017. Disponível em:
<<http://www.abag.com.br/media/files/sumario-pesquisa-mulheres-do-agro-2017-compressed.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

KINZO, M. D.; MORANDINI, I. **As mulheres produtoras de alimentos em Brasil: síntese nacional**. San José: Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 1996.

KARAWCZYK, M. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 40, n. 1, p. 64-84, 2014.

LAUTIER, B. Desenvolvimento. In: HIRATA, H. *et al.* (Org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

LIMA, G. M. M. **Mulheres de lideranças das organizações sociais e populares de Delmiro Gouveia, Alto Sertão de Alagoas: luta feminina na cooperativa de pequenos produtores agrícolas dos bancos comunitários de sementes – COPPABACS e no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais – STTR**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Alagoas. Delmiro Gouveia-AL: UFAL, 2020.

MENEZES, R. S. S.; SILVA, F. D. Trabalho e identidades de gênero de gestoras de organizações do agronegócio em Minas Gerais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 3, n. 2, p. 127-144, 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa / pesquisa bibliográfica/ teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo-RS: FEEVALE, 2013.

PEREIRA, A. N.; MACHADO, V. L.; CÍPOLA, F. C.; PINHEIRO, C. J.; VILLAS BOAS, A. A. A Inserção Feminina no Mercado de Trabalho do Agronegócio: Uma Estudo Comparativo da Sadia e da Perdigoão. In: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 46., 2008, Rio Branco-AC. **Anais...** Rio Branco: SOBER, 2008.

PEREIRA, J. A.; RESCH, S.; DOCKHORN, M. S. M.; RODRIGUES, W. O. P.; SILVA, M. A. C. Desenvolvimento local e regional: características da microrregião de Iguatemi do Estado de Mato Grosso do Sul. **RECC – Revista Eletrônica Científica do CRA PR**, v. 4, n. 2, p. 19 35, 2017.

PEDRO, C. B.; GUEDES, O. S. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. In: I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, 1., 2010, Londrina-PR. **Anais...** Londrina: UEL, 2010.

RICHARDSON, J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ROMERO, S. M. T. **Gestão da diversidade de gênero nas organizações: estudo de casos múltiplos sobre homens e mulheres iguais nas desigualdades**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

RIBEIRO, M. C. **Agro Mulher (AM): Elas entraram em campo: mulheres do agronegócio apostam em capacitação para vencer preconceito no setor**. Março de 2020. Disponível em:

<<http://agromulher.com.br/mulheres-do-agronegocio-apostam-em-capacitacao-para-vencer-preconceito-no-setor/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SANTOS, C. M. M.; TANURE, B.; CARVALHO NETO, A. **O percurso do trabalho feminino no Brasil: vestígios dos primórdios no presente**. In: ANDRADE, J. O.; CARVALHO NETO, A. (Orgs.). Mulheres profissionais e suas carreiras sem censura: estudos sob diferentes abordagens. Atlas, São Paulo. 2015.

SANDBERG, S.; SCOVELL, N. **Faça acontecer: mulheres, trabalho e a vontade de liderar**. São Paulo: Companhia de Letras, 2013.

SCHNEIDER, C. O.; GODOY, C. M. T.; WEDIG, J. C.; VARGAS, T. O. Mulheres rurais e o protagonismo no desenvolvimento rural: um estudo no município de Vitorino, Paraná. **Interações** (Campo Grande), v. 21, n. 2, p. 245-258, 2020.

SCOTT, J. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia University Press, 1988.

SEMAGRO. Secretária de Estado e Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar. **Agricultura e Pecuária**. Disponível em: <<http://www.semagro.ms.gov.br/agricultura-e-pecuaria/>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

SEMAGRO. Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar. **Estudo da Dimensão Territorial do Estado de Mato Grosso do Sul: Regiões de Planejamento**. 2015. Disponível em: <http://www.semagro.ms.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/estudo_dimensao_territorial_2015.pdf>. Acesso em: 31 out. 2020.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, 2014.

XAVIER, C. **O censo, a mulher e o agro 4.0**. Gazeta Digital. 04 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/colunas-e-opinioao/colunas-e-artigos/o-censo-a-mulher-e-o-agro-4-0/600011>>. Acesso em: 01 nov. 2020.